

**ROSA QUE NADA! ELAS VESTEM AZUL MARINHO:** uma etnografia das relações de poder e gênero que envolvem as torcedoras do Clube do Remo<sup>1</sup>  
Aline Meriane do Carmo de FREITAS<sup>2</sup>

**RESUMO**

Neste artigo proponho etnografar as sociabilidades das torcedoras do Clube do Remo objetivando verificar de que maneira a generificação e o futebol se entrelaçam, historicamente, formando um complexo a partir do qual as relações de poder se assentam, direcionando afetos, emoções e interações sociais quotidianamente. Acredito que a análise dos processos socioculturais intersubjetivos com o objetivo de compreender como se configuram as relações de vigilância, controle e regulação entre as torcedoras do setor feminino da Camisa 33 - a torcida Barra Brava do Remo – no que tange a produção de discursos sobre a fidelidade clubística por meio da oposição binária entre Remismo e mistas. Os termos nativos são utilizados como dispositivos de poder para classificar as torcedoras que têm o Remo como único time, bem como, as remistas que torcem para outros clubes. A arbitrariedade e inadequação dessas classificações são baseadas em uma hierarquização a qual divide as remistas entre mais ou menos torcedoras ou, ainda, “remistas de verdade” e “mulheres que entendem de futebol”, à medida que concordem com tais regulações. A tentativa de controlar e vigiar o desejo das torcedoras, em vários episódios, punindo quem discorda da regulação do grupo interno possibilitou pensar esse sistema arbitrário de classificações definido pelo conselho da torcida, o qual é constituído majoritariamente por homens classe média, heterossexuais, jovens e universitários. Para fazê-lo, dialogo com um aporte teórico que discute gênero e marcadores sociais da diferença objetivando questionar desde o determinismo biológico sobre nascer mulher, bem como, a generificação enquanto categoria analítica, além de etnografar densamente gênero, intersubjetividades, sociabilidades e relações de poder enquanto prática social do que é ser mulher-torcedora.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; futebol; etnografia.

**Introdução**

Etnografar as sociabilidades das torcedoras do Clube do Remo objetivando verificar de que maneira a generificação e o futebol se entrelaçam, historicamente, formando um complexo a partir do qual as relações de poder se assentam, direcionando afetos, emoções e interações sociais é a proposta deste artigo. Acredito que a análise dos processos socioculturais intersubjetivos com o objetivo de compreender como se configuram, a partir de uma dimensão panóptica nos moldes que nos fala Foucault (1994, 2002, 2010) as correlações de vigilância, controle e punições que caracterizam essas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), UFPA/PA.

conexões existentes em nossa sociedade (FOUCAULT 1994; vol. II, p.606) e, no caso dessa pesquisa, entre as torcedoras do setor feminino da Camisa 33 - a torcida Barra Brava do Remo – no que tange a produção de discursos sobre a fidelidade clubística (DAMO, 2005) nos possibilitaram pensar a noção de governamentalidade na analítica de poder em uma torcida de futebol. (FOUCAULT, 2002, 1993, 2010)

Por ‘governamentalidade’ entendo o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, ainda que complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por forma maior de saber a economia política, por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Segundo, por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não cessou de conduzir, e desde muito tempo, à preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros: soberania, disciplina, e que, por uma parte, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, de outra parte], ao desenvolvimento de toda uma série de saberes (Foucault, 2004a, p. 111-112).

A tentativa de controlar e vigiar o desejo das torcedoras, em vários episódios, corrigindo (FOUCAULT, 2002, 1993, 2010) quem discorda da regulação do grupo interno (SCHUTZ, 2012) nos possibilitou analisar fenomenologicamente, também, o sistema de classificações (LÉVI-STRAUSS, 1962) definido pelo conselho da torcida, o qual é constituído majoritariamente por homens, classe média, heterossexuais, jovens e universitários e que divide as torcedoras em: mais ou menos remistas ou, ainda, “remistas de verdade” e “mulheres que entendem de futebol”, à medida que torçam apenas para o Remo, isto é, tenham o clube como seu único “amor”.

**Tabela 1 - Coordenadores da Camisa 33**

<b>Conselho Camisa 33</b>		
<b>Gênero</b>	16 Homens	3 Mulheres
<b>Faixa-Etária</b>	21-30 anos	19-35 anos
<b>Ensino Médio Completo</b>	(5%)	X
<b>Universitários</b>	(45%)	(10%)
<b>Graduados</b>	(30%)	X
<b>Pós-graduados</b>	(5%)	(5%)

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa

O Remismo é um termo nativo utilizado para classificar atitudes consideradas irracionais por quem não faz parte desse grupo social. Várias vezes a torcida é chamada de “fanática”, “doente”, “louca” e/ou “cega” e são incompreendidas por quem não integra a Camisa 33 e, portanto, constituem, nas palavras de Schutz (2012), um grupo externo as remistas.

Nesse sentido, dialogo aqui com a noção de governamentalidade que nos propõe Foucault (1976) para pensarmos o poder regulador exercido pelo conselho sobre as azulinas uma vez que para o autor esse “é o nome que atribuímos para uma situação estratégica complexa numa sociedade dada”. (Foucault, 1976, p. 123). A ideia de pensar a analítica do poder existente em uma torcida de futebol surge no instante que lemos obras foucaultianas objetivando pensar o discurso enquanto um dispositivo de poder.

Ao escutar a recorrente utilização do termo nativo “mistas” para nomear um amor dito por elas impuro ou mesmo falso e remismo como um sentimento genuíno e verdadeiro pelo clube foi possível dialogar com as proposições de (LÉVI-STRAUSS, 1989) sobre sistema de classificações e, ao mesmo tempo, analisar a divisão do grupo a partir de um binarismo arbitrário o qual está baseado na hierarquização das azulinas entre: mais ou menos torcedoras, “remistas de verdade”, “mistas” e, ainda, mulheres que entendem ou não de futebol à medida que concordem com tais regulações: “qualquer pretensão a estabelecer as regras que ‘regulam’ o desejo em forma de leis inalteráveis e eternas têm um uso limitado”. (Butler, 2004, p.1)

As torcedoras que torcem por mais de um time de futebol, principalmente, se for um clube do eixo sul-sudeste são criticadas pelas demais, várias vezes, coagidas a partir de piadas que questionam o amor que sentem. Durante a pesquisa de campo inúmeras vezes presenciei discussões nos grupos de aplicativos instantâneos quando alguém postava uma foto antiga de uma delas com uma casa “mista”. Poucas eram as azulinas que assumiam seus gostos. A maioria dizia: “isso é algo ridículo”, “você é manipulada pela Globo”.

Durante a pesquisa de campo percebi que nos intervalos das partidas, a banda da Camisa 33, formada majoritariamente por homens puxava grito: “jogo do leão. Camisa do leão” objetivando fazer com que qualquer torcedora que estivesse com a camisa de outro clube retirasse ou trocasse de lugar. O fato já teve diversos desdobramentos gerando, inclusive, agressão física e xingamentos.

**Figura 1** - Torcedora com a camisa do Flamengo no jogo do Remo



Acervo Grupo O Remo é meu. Recolhida em 25/01/2018: [www.facebook.com/groups/oremoemeu/](http://www.facebook.com/groups/oremoemeu/)

A Camisa 33 tem como premissa padronização das arquibancadas com a cor azul-marinho e, por isso, dizem criticar e combater a utilização de camisas de outros times em jogos do Remo. A prática que tem sido intensificado nos últimos anos já gerou extremismos e a o conselho da torcida precisou se posicionar. “Nosso sonho é ver o estádio todo em azul marinho, mas sem que seja necessária qualquer ação violenta”.

A postura da Camisa 33 divide opiniões. Se para algumas é preciso combater as mistas e os mistos outras consideram que atitudes como essas afastam as torcedoras comuns do estádio. É importante dizer, ainda, que as azulinas contrárias a atitude da barra e que criticam publicamente não fazem parte do grupo, visto que existem normas a serem seguidas e que são impostas a todos as associadas. As torcedoras que porventura não concordavam com essa decisão, mas são sócias do SF não quiseram expor sua opinião, apesar de ter escutado, em diversos momentos da pesquisa, críticas informais ao conselho e isso possibilitou fazer analogias com as proposições de Foucault (2016): “a punição [...] deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata [...] a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime [...]” (p.14)

O assunto é polêmico. As torcedoras que possuem mais de um time criticam e acreditam que isso é um atentado contra a liberdade de expressão, censura e tentativa de impedir as torcedoras de apoiarem o Remo, principalmente, as com menor poder aquisitivo. Nesse contexto, recordo-me da obra *Vigiar e Punir* (1987)

Sob o nome de crimes e delitos, são sempre julgados corretamente os objetos jurídicos definidos pelo código. Porém, julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de meio ambiente e de hereditariedade. [...] são as sombras que se escondem por trás dos elementos da causa que são, na realidade, julgadas e punidas. [...] o conhecimento do criminoso, a apreciação que dele se faz, o que pode saber sobre suas relações entre ele, seu passado e o crime, e o que se pode esperar dele no futuro. (Foucault, 1987, p. 22)

Durante os jogos do Remo, no estádio, verifiquei uma grande preocupação, por parte das integrantes da Camisa 33, com a roupa que iriam vestir, inclusive, aproveitei para relatar a experiência durante a primeira ida a campo. Luana Castro, 28 anos, a interlocutora que possibilitou o entreé cultural foi me buscar quatro horas antes da partida para ir ao churrasco pré-jogo e eu não estava arrumada, na pressa, vesti a primeira blusa do Remo que encontrei e ela era na cor branca, mas ao me ver, na mesma hora, Luana sugeriu que trocasse, porque segundo ela, no estádio, não basta irmos com a blusa do Remo a gente tem que, também, padronizar e, portanto, vestir azul marinho.

Luana relatou o motivo: “o segundo e terceiro uniformes do Remo as blusas brancas, amarela, bege, laranja, vermelha, cinza, dourada. Todas as outras são para passearmos. No Mangueirão, a gente tem que usar azul marinho, porque quando estamos padronizados a nossa torcida fica mais linda”. Durante a pesquisa percebi que muitas torcedores concordavam com a Luana:

A bancada está ficando, a cada dia, mais bonita com o azul marinho predominando. (**Mari Pinheiro**)

Eu vou, toda vez, com a blusa bege. Superstição, ou não, está dando certo, porém eu concordo que a bancada toda azul é imbatível. (**Lorena Borges**)

Olha, Aline, a diferença entre o último jogo de 2015 e a primeira partida do Parazão<sup>3</sup> é nítida. Que padronização. Fica mais bonito quando é tudo Azul Marinho. Saz<sup>4</sup>! (**Luana Nascimento**)

As integrantes da Camisa 33, durante os jogos, costumavam vestir blusas oficiais do Clube do Remo no modelo baby look<sup>5</sup> ou as camisas da linha própria de produtos oficiais da Barra, a 1905. O look escolhido pela maioria delas era sempre shorts jeans, azul e/ou branco. Várias costumavam ir tênis, sapatilhas ou havaianas<sup>6</sup> brancas. Muitas usavam bonés, óculos escuros, estavam maquiadas e com os cabelos escovados. Percebi que várias delas estavam com joias. Durante os jogos as camisas azuis são preferidas pelas torcedoras enquanto que para passear ou nas programações extracampo elas aproveitavam para usar os demais modelos e cores.

---

<sup>3</sup> O Campeonato Paraense é conhecido, popularmente, como Parazão e é a principal competição de futebol disputada no Estado do Pará.

<sup>4</sup> Sigla que significa saudações azulinas. A expressão é utilizada pelos torcedores para saudarem uns aos outros.

<sup>5</sup> As camisetas *baby look* são peças muito procuradas pelo público feminino por serem blusas mais justas, com mangas mais curtas e de menor comprimento.

<sup>6</sup> *Havaianas* é uma marca brasileira de sandálias de borracha produzidas pela Alpargatas.

Há uma grande valorização dos produtos oficiais, bem como, campanhas para sua aquisição, visto que a prática ajudaria o clube a minimizar a crise financeira. Inclusive, percebi que no grupo Remo é meu<sup>7</sup>, no Facebook<sup>8</sup>, quando alguma torcedora publicava uma foto vestindo ou utilizando quaisquer outros produtos falsificados elas eram, imediatamente, criticadas pelos demais membros. Ao ponto de apagarem a publicação. Há um combate à pirataria e incentivo à aquisição de produtos licenciados, por parte das torcedoras, visto que para uma empresa ter direito ao uso da marca Remo é preciso pagar royalties<sup>9</sup> e isso aumentaria a receita do clube. O poder coercitivo e de repressão sobre as torcedoras e, principalmente, as de menor poder aquisitivo regula desejos, gostos e, inclusive o acesso ao consumo.

Durante toda a pesquisa eu não verifiquei, em nenhum momento, qualquer torcedora ou torcedor da Camisa 33 com produtos classificados como piratas. Cabe uma observação que o preço dos produtos oficiais não é acessível para uma pessoa com menor poder aquisitivo, visto que as camisas da temporada, por exemplo, custam acima de R\$ 160 reais, bonés R\$ 65 reais e chaveiros R\$ 20 reais.

Algo que também chamou a atenção é que a Camisa 33 é uma das principais entusiastas do programa sócio torcedor que é um projeto de gerenciamento de sócios, que objetiva a adesão dos azulinos por meio de um sistema de fidelização com o clube, oferecendo vantagens e benefícios exclusivos para os sócios. A barra não recebe ingressos gratuitos e, a maioria dos torcedores, está cadastrada no programa Nação Azul que tem mensalidade no valor de R\$ 60 reais o plano ouro. Cabe outra observação, verifiquei também que quando alguém não era sócia as demais criticavam e no próximo jogo ela já se associava uma espécie de pressão e coerção nos moldes que nos fala Foucault (2016).

Na Camisa 33 existem mais de 20 casais. A expressão o “Remo me deu” foi utilizada recorrentemente como um dispositivo discursivo pelos casais, entre eles: Fádía, 20 anos, estudante de arquitetura e namorada de Thalysson Fernandes, 26 anos, soldado na Força Área Brasileira. Sávio Reis, 30 anos, noivo de Maíra Cardoso, 28, ambos fazendo doutorado. Felipe Damasceno, universitário, tem união estável com a estudante de mestrado Kamilla. Mailson, 28, professor de Educação Física e noivo de Thayse, 23

---

<sup>7</sup> Acesso em 10/11/2017. [www.facebook.com/groups/oremoemeu/](http://www.facebook.com/groups/oremoemeu/)

<sup>8</sup> Rede social criada em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e Andrew McCollum.

<sup>9</sup> Royalties consistem em uma quantia que é paga ao proprietário pelo direito de usar, explorar ou comercializar um produto.

anos, estudante de farmácia. Além dos casais, Murilo e Ianca, Caio e Jessica, Lázaro e Thayse, Igor e Jessica, André e Renata, Josi e Chico, Carol e Luan, Yana e Gabriel, Lorena e Allan, Pablo e Thainná. A Camisa 33 tem o posicionamento de proibir o relacionamento de suas/seus integrantes com torcedores do time adversário. A justificativa é a de que isso evitaria possíveis conflitos.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem [atacam], o marcam, o dirigem o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas à sua utilização econômica [...] [A constituição do corpo] como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição; o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência e da ideologia; [...] pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física. (Foucault, 2016; p. 28-29)

Verifiquei, ainda, que para as interlocutoras a maneira de sentir e experimentar a mesma emoção, por meio do pertencimento a um grupo ou tribo (Maffesoli, 1990) foi o que motivou a criação do setor feminino. A barra possui ativa participação feminina nas arquibancadas.

### **Setor feminino da Camisa 33**

A Camisa 33 que é a torcida inspirada nas hinchas<sup>10</sup> Sulamericanas é influenciada, principalmente, pelos argentinos e são caracterizadas por acompanharem os jogos sempre de pé, cantando durante os 90 minutos da partida, visto que acreditam ser a representante da alma do time, o 12º jogador e, portanto, precisariam estar presentes no estádio mesmo não entrando no gramado.

Durante o entreé cultural, pude registrar o amor, a alegria, a dor, a excitação, a raiva e, em alguns momentos, a decepção das torcedoras. Sentimentos partilhados afetivamente e fundamentais para a compreensão intersubjetiva dos processos de socialidade que envolvem a torcida, a qual é observada por meio das médias altas de comparecimento nos estádios

No Setor Feminino as torcedoras relatam desde experiências banais, Maffesoli (2002), até casos de assédios que sofreram, bem como, vagas de emprego, dicas de maquiagem, além de organizarem protestos e campanhas solidárias. Entre as temáticas recorrentes está a violência contra mulheres, o combate a homofobia e as críticas a

---

<sup>10</sup> <sup>10</sup> No idioma espanhol, a tradução para *hinchas* são torcedores, fãs, simpatizantes e/ou seguidores.

problemas sociais e a ausência do poder público em setores como educação e saúde. Boa parte das integrantes do SF são estudantes universitárias, inclusive, existem várias delas fazendo pós-graduação.

O grupo surgiu em 2015 por meio de um aplicativo de celular e reúne, atualmente, 70 integrantes. Segundo as torcedoras, inicialmente o objetivo era apenas organizar as mulheres que gostavam de jogar futebol para marcarem as “peladas” nos finais de semana, mas ele foi crescendo e passou a ser um “espaço só delas” em que podem expressar seus desejos, angústias, interesses, conversar e, principalmente, falar de futebol.

**Figura 2** - “Pelada” do Setor Feminino



Acervo Renatinha/ Cedido pela autora para pesquisa

As torcedoras relataram, ainda, que se sentiam muito sozinhas na bancada, no meio dos homens, e o grupo teria ajudado a minimizar essa sensação. Segundo as azulinas é um “saco” interagir em grupos com muitos garotos. Essa afirmação possibilitou dialogar com as proposições de Maffesoli (1995). O estar junto busca “[...] no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns. No balanço cíclico dos valores sociais, assiste-se ao retorno do ideal comunitário, em detrimento do ideal societário” (Maffesoli, 1995, p. 54).

O que é experimentado coletivamente, o estar junto a partir do gosto compartilhado, independentemente do tempo que o contato durar ou mesmo do cenário, é importante para a análise da experiência banal. Maffesoli (2002) propõe uma abordagem fenomenológica da vida em sociedade e discute conceitos centrais para análise do imaginário, como o emocional, a identificação, o hibridismo, presenteísmo e o *ethos*

A *aisthesis* diz respeito ao prazer dos sentidos experimentados em comum. É uma relação comunicativa, isto é, a troca por meio de uma forma de diálogo e sinaliza um compartilhamento de emoções para além do que é naturalizado como sendo obra de arte, refere-se à emoção coletiva da vida em sociedade.

Não podemos reduzir o significado de estética às obras culturais ou as suas interpretações. É necessário dar ao termo o sentido plano. A estética difratou-se no conjunto da existência. Nada mais permanece ileso (incólume). Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana. (Maffesoli, 2010: p.12)

Dialogando com Simmel (1983), é importante dizer que a afetividade das torcedoras azulinas pode estar presente, também, no que, aparentemente, não é afetivo. O torcer-junto na sua dimensão conflituosa. Sentimentos negativos como o ódio do time rival, o Paysandu<sup>11</sup>, a inveja dos títulos adversários e a decepção com os resultados negativos do Remo geram coesão social. Dessa maneira, observei a relevância das tensões na consolidação de grupos de interesses entre as torcedoras. Para o autor, o conflito independente do fenômeno que resulte ou o acompanhe, é, em si, uma forma de socialização.

A observação participante, a vivência e as interações dos remistas foram fundamentais para realizar o que Geertz (1989) considera como descrição interpretativa, a qual consiste em analisar o que está por trás e dentro do menor gesto humano, no caso da pesquisa, os afetos partilhados coletivamente, as relações de poder produzidas entre as torcedoras, bem como, os regimes de verdade (Foucault, 2010) engendrados no grupo.

O futebol é um fenômeno coletivo e um espaço de poder e reciprocidade, tal qual nos diz Lévi-Strauss (1997). Para o autor, a reciprocidade é um fato social total e isso significa dizer que sinaliza a preocupação com o outro e produz valores afetivos e/ou éticos, como confiança, a amizade e a compreensão mútua. Esses valores teriam o objetivo de evitar a eclosão da violência, mas será que há reciprocidade entre as torcedoras de um clube de futebol caso elas subvertam os códigos, regras, normas e práticas culturais internas do grupo a que estão inseridas?

Dialogar com as proposições Foucaultianas (2010) entrelaçada aos estudos de gênero, com enfoque na teoria Queer, por exemplo, são fundamentais para pensar, contemporaneamente, a relação estabelecida entre as mulheres e o futebol. Nesse sentido, acredito que a compreensão dos processos de socialidade a partir de uma dimensão panóptica – Foucault (1994) - que considera três aspectos complementares como características das relações de poder: vigilância, controle e correção são interessantes para pensar de que maneira ocorre o controle social e a construção de regimes de verdade em uma torcida de futebol.

---

<sup>11</sup> O Paysandu Sport Club foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1914 por antigos membros do Nort Club. É também conhecido como Papão da Curuzu, em referência ao Estádio Leônidas de Castro (Curuzu). O Paysandu tem como principal rival o Clube do Remo, com quem disputa o clássico de futebol com mais partidas disputadas no Brasil, o Re-Pa. O Paysandu tem como mascote o Lobo.

Apesar das torcedoras do SF dizerem que os grupos delas são lugares que não estão previamente regulado, Butler (2016), por homens, isto é, locais nos quais elas poderiam transitar sem depender da regulação masculina é preciso lembrar que o conselho da torcida é majoritariamente constituído por homens e são eles que estão nos polos de decisão e se fazem presentes nesses grupos por meio da três conselheiras que estão no grupo e que, ali, exercem o poder regulador.

### **Mulheres que amam futebol: Setor Feminino**

A contribuição que, por meio dessa pesquisa, pretendo trazer à Antropologia, se situa na possibilidade de avançar na reflexão sobre a relação afetiva estabelecida entre as torcedoras e seu clube, bem como, a pesquisa em futebol e gênero, no Brasil, visto que é ainda tímida a quantidade de pesquisadoras que trabalham com a temática e isso pode ser explicado historicamente, já que as mulheres eram proibidas de participar e estarem nos jogos. Por exemplo, durante a ditadura militar como nos relata Rial (2012):

No início do futebol as mulheres tinham grande presença nas arquibancadas e poderiam ter tido presença também como atletas, não fosse uma proibição legal. Quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) surgiu em 1941, tornou-se instância máxima de poder esportivo, criou um decreto que as impedia de jogar futebol. Art. 54: Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

É preciso compreender e analisar que é somente a partir dos anos 1970 que a proibição foi revogada e isso em virtude das pressões do movimento feminista iniciada na Europa e nos EUA o chamado Sufragismo tinha como pauta a questão de ter direitos. Com a luta das feministas as mulheres conquistaram o acesso a polos de decisão. Esse movimento recebeu críticas por ser limitado e não questionar, por exemplo, outras formas de opressão para além do gênero. A autora Hooks (1995), foi a primeira feminista negra a criticar e subverter o que ela classifica como feminismo branco.

Infinitas vezes, os esforços das mulheres negras para falar, quebrar o silêncio e engajar-se em debates políticos progressistas radicais enfrentam a oposição. Há um elo entre a imposição de silêncio que experimentamos e censura anti-intelectualismo em contextos predominantemente negros que deveriam ser um lugar de apoio (como um espaço onde só há mulheres negras), e aquela imposição de silêncio que ocorre em instituições onde se dizem as mulheres negras e de cor que elas não podem ser plenamente ouvidas ou escutadas porque seus trabalhos não são suficientemente teóricos (hooks, 1995; p.95).

Para Rial (2012): “as mulheres eram consideradas como reprodutoras e o futebol, assim como outros esportes, inclusive o vôlei, um esporte onde não há contato físico, era tido como capaz de prejudicar seus órgãos. Ora, os órgãos reprodutores masculinos, externos, estão muito mais em risco do que o das mulheres.”

O argumento usado para justificar a proibição das mulheres no futebol era um discurso de dominação pautado no determinismo biológico, Laraia (2005), e isso possibilita fazer conexões com a história do pensamento antropológico, visto que a antropologia começa como ciência biológica originalmente elitista e a partir do século XIX se consolida como uma ciência social: “os homens agem diferente porque são biologicamente divergentes e essas diferenças são resultantes de um processo evolutivo”. (p.322). O discurso era um instrumental de poder e que sustentava ideias racistas da época.

Na contemporaneidade, o futebol tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, mas boa parte das pesquisas ainda são focadas, fundamentalmente, no tripé: papel do torcedor do sexo masculino heterossexual, ou na relação torcida organizada/ violência e, ainda, na diminuição da participação feminina nos estádios.

Durante a observação participante escutei diversas vezes os relatos das torcedoras sobre ter sempre um homem “mandando voltarem para cozinha” ou, ainda, perguntando, “mas vocês sabem o que é um escanteio?” ou, ainda, “explica aí a regra do impedimento se tu entendes mesmo.” Elas contaram que ninguém questiona um homem dessa maneira, mas que com elas é algo recorrente. O teste cotidiano que uma mulher-torcedora é submetida, para elas, mostra todo o machismo que ainda faz parte do futebol. O de lembrar que aquele não é lugar delas esses relatos me possibilitaram discorrer sobre o que nos diz Ortner (1996) para quem gênero “é, ele próprio, um sistema de prestígio – um sistema de discursos e práticas que constroem masculinidades e feminilidades não somente em termos de papéis diferenciais e significados, mas também em termos de valor diferencial, prestígio diferencial” (ORTNER, 1996, p.143)

Algo que me chamou a atenção, durante o churrasco do Setor feminino, foi saber que nem só de jogadores de futebol são constituídos os ídolos do Leão<sup>12</sup>. Apesar de grande parte da torcida ao ser questionada sobre os ídolos citarem, exclusivamente, homens e jogadores de futebol as mulheres contribuíram significativamente para recordar outros

---

<sup>12</sup> O Remo tem como mascote o Leão e é popularmente conhecido como leão azul, em referência ao símbolo e à cor oficial do clube, o azul-marinho.

atletas de grande importância, a maioria deles, mulheres.

Como remista confesso que senti vergonha por desconhecer a história e representatividade de atletas como: Angelina Serra Freire que, inclusive, empresta o seu nome ao ginásio do Clube do Remo e que venceu o Campeonato Paraense de vôlei, em 1961, além das atletas de natação que, em 1969, foram convocadas para representar a Seleção Brasileira durante o IV Jogos Desportivos Luso Brasileiro - Érika Figueiredo e Maria Nery. Na época, o Clube do Remo era conhecido pela sua natação campeã.

A atleta Lis Lobato é outro destaque na história do Remo ao ganhar medalha de ouro no Campeonato Sul-americano de Remo Máster, categoria Double Skiff, em 2013, e é que um dos principais títulos da regata azulina. A nadadora Mônica Rezende, por exemplo, é a maior referência da natação do Clube do Remo, um dos maiores talentos, no esporte do Pará. Mônica foi à única atleta paraense a competir em uma Olimpíada e mesmo observando a representatividade dessas mulheres percebi que o conhecimento dos torcedores ficava, principalmente, restrito ao futebol.

Algo que Setor Feminino da Camisa 33 tenta mudar pintando nos trapos<sup>13</sup> a figura feminina e nomes que representam a história do Clube, a fim de gerar o que elas chamam de “engrandecimento da figura feminina dentro do Remo”. Para as torcedoras não se pode deixar morrer a história e memória dessas atletas que são orgulho para a história do Clube. É necessário que haja representatividade.

**Figura 3** - Trapo feminino em homenagem às atletas



Acervo Setor Feminino/ Recolhida em 20/10/2015. Whatsapp/ SF

<sup>13</sup> Trapos são tecidos de baixo custo e simples confecção. É comum ver trapos com temáticas diferentes, durante os jogos, seja com frases de protesto e engajamento social ou para motivar o time. Segundo a torcida o objetivo é “transformar” o pano e fazê-lo adquirir um valor afetivo.

O Setor feminino é responsável por organizar boa parte dos protestos e ações sociais da Barra. Por exemplo, no jogo em que as torcedoras levaram faixas sobre o fim da cultura de estupro a ideia surgiu no grupo de whatsapp durante uma notícia de violência contra mulher que alguém compartilhou e estimulou vários relatos de assédio contados por quem já sofreu ou sofre quotidianamente.

O engajamento social do SF não é apoiado por todos os torcedores para alguns, como o remista Dayvison Canelas, a barra está ficando esquerdista: “isso não era uma proposta da sua fundação. A barra era apartidária. Bem, temos que lutar para as penas serem mais severas e o Senado já até aprovou e pelo fim da impunidade, mas essa frase cultura do estupro é fruto de ideologia de minorias que acha que todo homem é babaca e desrespeita as mulheres, o que não é verdade. Mas quem desrespeitar tem que ser punido”.

A torcedora Laila Cardoso acha muito legar ver as remistas unidas e lutando por um ideal: “massa ver as minas juntas e fazendo barulho em todos os lugares. Gratidão por levarem essa luta para um lugar antes não reconhecido como da mulher. Lugar de mulher é em todo lugar, onde ela quiser. Não tem essa de apologia. Não tem essa de ah, mas ela estava no baile funk, ela usa saia curta”. O torcedor bicolor Thiago Américo Farias parabenizou o SF, nas redes sociais, pelas faixas: “sou Paysandu, mas também sou humilde o suficiente para dizer que vocês estão de parabéns pela iniciativa. Machistas não passarão”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A excitação nas proposições de Elias (1985), o amor, a alegria, a dor e a raiva foram sentimentos partilhados afetivamente pelas torcedoras e fundamentais para ressignificar as práticas de poder que entrelaçam gênero e futebol. A frase “o amor é o que o amor faz” é representativa, para elas, do remismo. O amor sacrificial por um time de futebol analisado nesse trabalho enquanto dispositivo discursivo de poder.

Essa pesquisa por ter um enfoque no estudo das emoções das torcedoras do Clube do Remo possibilitou uma análise da descrição interpretativa dos afetos que envolviam as remistas, a partir da compreensão da maneira pela qual se produz as relações de poder por meio da verificação dos processos de interação e as socialidades existentes entre os torcedores.

A contribuição que, por meio dessa pesquisa, pretendi trazer à antropologia se situa na possibilidade de avançar na reflexão sobre a relação afetiva estabelecida entre as

torcedoras e seu clube de futebol, bem como, as relações de poder e sociabilidades que as envolvem, além de aprofundar a discussão sobre elementos teóricos e metodológicos que permitem trazer fundamentos da fenomenologia, em diálogo com a antropologia, para investigar fenômenos do mundo da vida e, dessa maneira, etnografar e compreender experiências sociais de sensibilidade produzidas intersubjetivamente na Amazônia.

Esse estudo é, também, um esforço em contribuir com à pesquisa de futebol, emoção, e antropologia do poder, visto que é ainda tímida a quantidade de pesquisadores e, ainda menor, as mulheres-pesquisadoras-torcedoras trabalham com essa temática.

Para DaMatta (1974) há um medo nas pesquisas sociais de “não assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina”, isto é, mostrar a carga intersubjetiva que envolve as pesquisas de campo e seus resultados. Algo que o autor compara ao universo infantil e que recordo-me ter sido, também, um dos meus medos durante o meu primeiro contato com a etnografia.

O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder — como etnólogo — estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os "porquês") o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (DaMatta, 1974: 5)

Concordando com as palavras de Velho (1978) “alguma coisa ser familiar não significa que ela seja conhecida e que, portanto, para estudar o familiar você tem que desenvolver uma estratégia própria de objetivação, de estranhamento, de distanciamento, nem que seja em um movimento de ir e vir”. É nesse sentindo que me propus a estudar o “nós”, isto é, analisar a afetividade e as relações de poder que envolvem as torcedoras do Remo sendo uma torcedora do clube. Para fazê-lo precisei desenvolver uma estratégia de estranhamento, para poder retornar e olhar o meu objeto mais próximo da razão sensível que nos fala Maffesoli (1998). Apesar das torcedoras do SF dizerem que os grupos delas são lugares que não estão previamente regulado, Butler (2016), por homens, isto é, locais nos quais elas poderiam transitar sem depender da regulação masculina é preciso lembrar que o conselho da torcida é majoritariamente constituído por homens e são eles que estão nos polos de decisão e se fazem presentes nesses grupos por meio da três conselheiras que estão no grupo e que, ali, exercem o poder regulador.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Beauvoir, S. 2016. *The Second Sex*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- BRAH, A. 1988. *Race, class and gender: which way the trinity?* *British Journal of Sociology of Education* (1).
- Butler, J. 2003. *Problemas de gênero: feminismo, abjetos e identidade*; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Libreria Paidós.
- \_\_\_\_\_. 2016. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*.
- Damatta, R. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- \_\_\_\_\_. 1978. *O Ofício de Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues*. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35.
- Damo, A. 1998. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Elias, N. and Dunning, E. 1985. *The Quest for Excitement*. Lisboa: Difel.
- Filho, M. 2003. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad. ISBN 85-7478-096-0.
- Foucault, M. 2000. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_. 1993. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. 2010. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Petrópolis.
- Fernandes, E., Gontijo, F., Tota, M. & Lopes, M. 2016. *Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas. Novos Descentramentos em Outras Axialidades – Apresentação*. ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 3, 5, p. 10-13.
- Fernandes, E., Gontijo, F. 2016. Diversidade sexual e de gênero e novos descentramentos: um manifesto queer caboclo. *Amazônia., Rev. Antropol.* (Online) 8 (1): 14 - 22, 2016
- Gastaldo, E. 2010. *Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação*. Logos: Comunicação & Universidade. Rio de Janeiro: Vol.17, N°02, 2° semestre.

- Geertz, C. 1926. *A interpretação das culturas*. - 1.ed., IS.reimpr. Rio de Janeiro: LTC. 323p.v, 2008.
- Granovetter, M. 1973. *The strength of weak ties*. In: American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago: v. 78, Issue 6, p.1930-1938
- hooks, b.2015. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, janeiro - abril, nº16. p. 193-210.
- Lévi-Strauss, C. 1971. *Introducción a la obra de Marcel Mauss*, in Marcel Mauss, Sociologia y antropologia. Madrid: Editorial Tecnos.
- \_\_\_\_\_ 1989. *O Pensamento Selvagem*. Papirus: São Paulo
- Maffesoli, M. 1998. *Elogio da razão sensível*; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Vozes.
- . \_\_\_\_\_ . 1998. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- . \_\_\_\_\_ .2010. *No Fundo das Aparências*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Morin, E. 1979. *O enigma do Homem – para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Murad, M. 2007. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.
- Ortner, B. *Making gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 1996.
- Rial, C. *Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa*. Antropolítica, Niterói: v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003.
- SCHÜTZ, A. 1974. *Estudios sobre teoria social*. Buenos Aires: Amorrortu, p.320.
- . \_\_\_\_\_ . 1967. *Phenomenology and sociology*. New York and Londres: Penguin Books, 392
- Simmel, G. 1991. *Sociologie et épistémologie*. Paris: Presses Universitaires de France, PUF, coleção Sociologies.
- . \_\_\_\_\_ . 1983. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática.
- Scott, J. 1995. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Revista educação e realidade. [Brasil], v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.
- Velho, G. 1978. *Observando o familiar*. In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 36-47
- Weber, M. 1979. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editore.